

— Ah! certamente — replicou o interlocutor, sensibilizado — foi o materialista, que sentia prazer em servir, trabalhando por um mundo melhor.

O Sábio Espiritual sorriu e falou-lhe, antes de despedir-se:

— Então, vai, e faze tu o mesmo.

48

XLVIII

O discípulo ambicioso

Quando Judas, obcecado pela ambição, procurou avistar-se com Caifás, no Sinédrio, trazia a cabeça incendiada de sonhos fantásticos.

Amava o Mestre — pensava, presunçoso — entretanto, competia-lhe cuidar dos interesses d'Ele. A vaidade absorvia-o. A paixão pelas riquezas transitórias empolgava-lhe o espírito. Despreocupado das necessidades próprias, intentava resolver os problemas do Senhor, perante as forças políticas do tempo. Valer-se-ia da influência prestigiosa dos sacerdotes, movimentaria Jerusalém, tomaria o cetro do povo israelita, em obediência às tradições dos reis e juizes do passado e, logo que fosse consolidado o poder, restituiria a Jesus a direção, a honra, a chefia... O Mestre ensinava a concórdia, a tolerância, a paciência e a esperança, mas, como efetuar as reformas necessárias, através de simples atitudes idealistas?

E o discípulo, em atitude de homem escravizado à ilusão, aguardava Caifás, que não se fez esperar muito tempo.

Na sala enorme, iniciaram discreta conversação.

O sumo-sacerdote, após abraçá-lo com finida simpatia, observou, em tom cordial:

— Com que então o Templo tem a felicidade de contar com a sua valiosa colaboração!

— Ah! sim, é verdade — exclamou o leviano aprendiz, sentindo-se envaidecido.

Caifás, consciente da própria importância na administração de Jerusalém, voltou a dizer:

— Precisávamos de alguém, com bastante coragem, para salvar o Messias Nazareno.

— Oh! sim — disse Judas, contente — comprehendo a situação.

— De fato — prosseguiu o chefe do Templo — necessitamos de um rei que nos restaure a liberdade política e, em boa hora, os galileus nos oferecem tal oportunidade. Aliás, tenho muito prazer em tratar com a sua pessoa, homem providencial na realização, que não perde tempo com palavras ociosas. Tentei abordar indiretamente outros homens daqueles que acompanham o Nazareno, porém, todos eles, ao que me pareceu, são esquivos e indecisos. Creia, no entanto — e elevou muito o diapasão de voz, impressionando o interlocutor pela segurança verbal — creia, porém, que o seu gesto, anuindo aos nossos propósitos, apressará a vitória do Messias, conferindo elevados títulos aos seus companheiros. Terão êles destacada posição de domínio e sentar-se-ão na assembleia mais alta do povo escolhido. E' tempo de libertação e, certo, Jesus é o rei que Jeová nos envia.

Judas não cabia em si mesmo, tal o contentamento que lhe tomava o coração. Preocupado, no entanto, com a situação do Profeta, a quem tanto devia, perguntou, humilde:

— E o Mestre?

Dissimulou Caifás os sentimentos sinistros

que lhe vagavam na alma e respondeu em voz quase doce:

— Compreenderá, certamente, a necessidade das medidas aparentemente rigorosas. O Mestre, por exemplo, segundo o plano estabelecido, será preso, por uma questão de segurança pessoal. Será detido, a fim de que se coloque a salvo de qualquer incidente desagradável, enquanto nos valeremos da grande aglomeração de patriotas na cidade para proclamar a nossa independência. Liquidada a vitória inicial, com a submissão das autoridades romanas, coroaremos o Messias, que ostentará o cetro do poder.

O discípulo exultava. Conhecedor antigo dos efeitos da lisonja nos corações indisciplinados e invigilantes, Caifás continuou:

— O meu prestimoso amigo, até que se resolva a situação em definitivo, chefiará os companheiros e receberá as homenagens que lhe são devidas. Tomará o lugar do Messias, provisoriamente, e ditará ordens, até que êle próprio, com a garantia desejável, possa assumir o poder.

Satisfeitíssimo, o visitante indagou:

— E que devo fazer inicialmente?

O sacerdote perspicaz respondeu com naturalidade:

— Não temos tempo a perder. Formaremos a documentação necessária.

— Como devo fazer? — perguntou ainda o aprendiz enganado.

— Chamarei as testemunhas — esclareceu o sumo-sacerdote — e, perante nós, responderá afirmativamente a todas as interrogações que

Ihe forem dirigidas. Não precisará informar-se quanto a particularidade alguma. Bastará responder "sim" a tôdas as perguntas formuladas. Posso dispor de sua lealdade?

Judas não hesitou. Estava decidido a seguir as instruções, de modo incondicional.

Mais alguns minutos e organizou-se pequena assembléia, com juízes e testemunhas. Dois escribas perfilaram-se para fixar as declarações. Formada a reunião, o sumo-sacerdote chamou o denunciante e iniciou o interrogatório:

— E' discípulo de Jesus, o Nazareno?

Confiante, Judas, respondeu:

— Sim.

— Vem fazer declarações ao Sinédrio, como judeu convicto da santidade da lei?

— Sim.

— Afirma que o Messias Nazareno pretende ser o rei de Israel?

— Sim.

— Assegura que êle promete a revolução contra o poder de César e a autoridade de Ântipas?

— Sim.

— E' verdade que êle odeia os romanos?

— Sim.

— Deseja, de fato, aproveitar a Páscoa, para começar a rebelião?

— Sim.

— Declarará a emancipação política de Israel, imediatamente?

— Sim.

— Promete lutar contra quaisquer obstáculos para derrubar as combinações políticas existentes entre Roma e esta província, no sentido de coroar-se rei?

— Sim.

De posse das declarações comprometedoras, Caifás interrompeu o inquérito, mandou que Judas esperasse na ante-sala e iniciou providências junto de romanos e judeus, para que Jesus fôsse preso, imediatamente, como agitador político e explorador da confiança pública.

Em breves horas, um grupo de soldados postava-se nas vizinhanças do Templo, à espera da ordem final, e Caifás, compensando Judas com algum dinheiro, fez-lhe sentir a necessidade de sua orientação na prisão inicial do Messias, assegurando que, em breve tempo, se cumpriria a redenção de Israel.

O discípulo invigilante foi à frente de todos e encaminhou a triste ocorrência.

E, quando os fatos marcharam noutro rumo, debalde o Iscariote procurou avistar-se com as autoridades, tão pródigas em promessas de poderes fascinantes. Findo o processo de humilhações, encarceramento, martírio e condenação de Jesus, o aprendiz infiel conseguiu encontrar o sumo-sacerdote e alguns intérpretes da lei antiga, em animada conversação no Sinédrio. Em lágrimas, Judas rogou que fôsse interrompida a tragédia angustiosa da cruz, e sentindo, tarde embora, que fôra vítima da própria ambição, devolveu as moedas de prata, exclamando, de joelhos:

— Socorrei-me! Cometi um crime, traindo o sangue inocente!... A vaíade perdeu-me, tende compaixão de mim!...

Os interpelados, porém, como velhos representantes da ironia humana, responderam simplesmente:

— Que nos importa? Isso é contigo...

49

XLIX

Preparação familiar

O problema familiar, por mais que nos despreocupemos dêle, buscando fugir à responsabilidade direta, constituirá sempre uma das questões fundamentais da felicidade humana.

E' um êrro tremendo supor que a morte apaga as recordações, à maneira da esponja que absorve o vinagre, na limpeza do vaso culinário. Certamente, os laços menos dignos terminam na sombra do sepulcro, suportados valorosamente, e encarados como sacrifício purificador, na existência material. Noventa por cento, talvez, dos matrimônios, infelizes pela ausência de afinidade espiritual, extinguem-se com a morte, que liberta naturalmente as vítimas dos grillhões e dos algozes. O Evangelho de Jesus ensina entre os vivos que Deus não é Deus de mortos e os que perderam a indumentária carnal, sentindo-se mais vivos que nunca, acrescentam que Deus não é Deus de condenados. Que os Ótelos da Terra se previnam, em suas relações com as Desdémonas virtuosas do mundo, porque, além do cadáver, não poderão apunhalar as espôsas livres da carne, e as mulheres ciumentas, desgrenhadas dentro da noite, a gritarem blasfêmias injuriosas contra os maridos inocentes, preparem-se para longo tempo de separação na esfera invisível, onde, na me-